



## ÉTICA E CONSUMO

*Ricardo Tescarolo*

### INTRODUÇÃO

A transformação que a humanidade e a Terra experimentam hoje, embora não represente uma novidade, é, sem dúvida, um fenômeno inédito em sua radicalidade e rapidez. Nesse contexto crítico e dinâmico, impõe-se a necessidade de mudanças radicais em sistemas tão complexos como redes de transporte, matrizes energéticas, governança pública e privada e modelos e sistemas educacionais.

Os inéditos desafios provocaram a emergência de uma nova ética, constituída na sustentação universal da ação que acompanha a vida e contribui para transformar as realidades humanas, na medida em que foi a negação dessa condição que deflagrou novos problemas.

A crise atual **é produto de uma cosmovisão**<sup>1</sup> fundada no materialismo e em uma perspectiva exclusivamente antropocêntrica. Em tal concepção, o ser humano é tratado como mão de obra e mercadoria e a natureza como matéria-prima. Os dados disponíveis demonstram claramente que a crise planetária decorre da convicção de que a felicidade depende em grande parte do consumo de quantidades crescentes, e no mais das vezes desnecessárias, de bens materiais e serviços. A isso se denomina consumismo, processo de natureza econômica e social baseado na criação e desenvolvimento sistemáticos de um desejo compulsivo de comprar e consumir cada vez mais.

O consumismo é uma das características culturais mais marcantes da sociedade atual, sendo as crianças e os jovens os mais atingidos pelos excessos que provoca, como a obesidade,

a violência, o materialismo excessivo, o desgaste das relações sociais e a erotização precoce. Ela constitui, em estado crítico, uma patologia, denominada Oneomania, transtorno psiquiátrico marcado pelo desejo irrefreável de comprar sem qualquer critério ou consciência da necessidade e condição financeira.

Apresentamos a seguir um exemplo das consequências do consumismo. Celulares, GPS, TV de plasma, PDA, MP3, MP4, jogos eletrônicos, armas sofisticadas, estações espaciais, mísseis teleguiados e toda uma gama de sofisticados equipamentos eletrônicos dependem de um metal, o *coltan* (conhecido como ‘ouro cinza’). Ele resulta da combinação de dois minerais, a **columbita** e a **tantalita** (daí **col-tan**), de que se extrai o metal atualmente mais cobiçado do que o ouro. Esse metal é considerado altamente estratégico e essencial para as novas tecnologias. Cerca de 80% das reservas do *coltan* encontram-se na República Democrática do Congo, onde ocorre uma guerra desde o dia 2 de agosto de 1998 em razão da ocupação militar por Ruanda e por Uganda, que lutam pelo controle do *coltan* do Congo, onde já morreram mais de dois milhões de pessoas em consequência do conflito.

Segundo a “Federación de Comités de Solidariedad com África Negra” (cf. [www.umoya.org](http://www.umoya.org)), o que torna a situação mais grave é a passividade da comunidade internacional, que não pode mais ignorar que a guerra na República Democrática do Congo tem como causa a busca desse metal por grandes empresas com um custo altíssimo para a vida humana e para a natureza.

O IPIS (International Peace of Information Service <http://www.ipisresearch.be/?lang=en>) realizou estudo minucioso sobre a vinculação das empresas ocidentais com a exploração do Coltan e com o financiamento da guerra no Congo. Sem dúvida, os obscuros negócios dessas indústrias são, em primeira instância, responsáveis por essa guerra. E quem vende, compra e usa a parafernália eletrônica disponível no mercado pode não ter consciência do problema, mas tem parcela de responsabilidade.

Outra informação, agora do Banco Mundial<sup>2</sup>, em relação ao consumo privado no mundo: 20% da população mais pobre consome 1,5% dos bens e serviços oferecidos pelo mercado; cerca de 60% da chamada classe média 21,9%; e 20% da população mais rica consome 76,6% (Fonte: Indicadores do Banco Mundial, 2008).

Arlie Hochschild (*apud* BAUMAN, 2011) apresenta um ‘dano colateral’ provocado pela onda consumista: o ciclo vicioso da “materialização do amor” (p 65). Explica ele que,

expostos a bombardeio ininterrupto de publicidade diária de três horas de televisão (a metade de todo seu tempo ocioso), os trabalhadores são persuadidos a ‘necessitar’ de mais coisas. E para comprar aquilo que agora necessitam, eles precisam de dinheiro, Para ganhar dinheiro, trabalham mais horas. Estando longe de casa tantas horas, compensam sua ausência com presentes que custam dinheiro. Eles materializam o amor. E assim o ciclo se perpetua (p. 208).

Benjamin Barber, em seu livro com o sugestivo título “*Consumido – Como o mercado corrompe crianças, infantiliza adultos e engole cidadãos*”(2007), explica que a recente crise financeira mundial destruiu certos mitos, como o de que “o capitalismo pode triunfar fabricando desejos e necessidades, e não produtos”. A nova religião do consumismo desenfreado, “com sua indução de crianças à catedral do comércio, sacraliza (as) novas necessidades” (p. 62).

Veja o caso, publicado no jornal Folha de S. Paulo (Domingo, 29 de abril de 2012 – Cotidiano, p. 7), do desequilíbrio existente entre a infraestrutura hídrica disponível no sertão nordestino e o aumento da renda de seus habitantes. Essas pessoas não dispõem de água encanada, mas possuem TVs LCD, antenas parabólicas, e até geladeiras e máquinas de lavar roupa. Segundo a Fundação Getúlio Vargas, mencionada na reportagem, a renda da região Nordeste cresceu 42% entre os anos de 2001 e 2009 (cf. FGV), mas o total de casas com água encanada na região cresceu apenas 6,9% (cf. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Outro exemplo encontra-se descrito no relatório publicado pela Organização para a Agricultura e o Alimento (*Food and Agricultural Organization – FAO*) da Organização das Nações Unidas (ONU), o setor de produção de carne animal produz mais efeito estufa do que todo o sistema de transporte, sendo hoje a maior fonte de degradação da terra e da água.

As pessoas estão consumindo cada vez mais carne animal a cada ano, provocando um aumento de 229 milhões de toneladas entre 1999/2001 para 465 milhões de toneladas em 2050. Tal crescimento cobrará um altíssimo preço ambiental, de acordo com o relatório da FAO (ONU) *Livestock’s Long Shadow – Environmental Issues and Options*. “O custo ao meio ambiente em consequência da produção de carne animal precisa ser cortado pela metade, apenas para evitar que o problema piore além de seu nível atual”.<sup>3</sup>

Por tudo isso, uma vida mais simples e frugal é a iniciativa imediata que todos podemos tomar, não significando, entretanto, que a ética da responsabilidade “seja contrária ao prazer, mas sim que os prazeres que ela valoriza não provêm do consumo exagerado” (SINGER, 2006, p. 304). **A consequência são os altos níveis de endividamento pessoal, menos tempo livre e o meio ambiente danificado, sinais evidentes de que o consumo excessivo está diminuindo a qualidade de vida das pessoas (cf. Estado do mundo 2004, World Watch Institute: [www.worldwatch.org](http://www.worldwatch.org)).**

Vale enfatizar, todavia, que deve-se evitar uma postura reducionista. Sem dúvida, a sociedade do consumo deve ser “corrigida e enquadrada”, mas “não posta no pelourinho”. Portanto, não se deve rejeitar tudo, ainda que muito precisa ser “reajustado e reequilibrado a fim de que a ordem tentacular do hiperconsumo não esmague a multiplicidade dos horizontes da vida (LIPOVETSY, 2007, p. 370).

Assim, para enfrentar e ajudar superar a profunda e grave crise atual, a humanidade conta com uma nova ética.

## A ÉTICA EMERGENTE

A palavra ‘ética’ tem origem no termo grego ‘*ethos*’, que se refere “aos usos e costumes vigentes numa sociedade e também, secundariamente, aos hábitos individuais” (COMPARATO, 2006, p. 96).

O dicionário eletrônico Houaiss define ética como “parte da filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano, refletindo a respeito a essência das normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social”.

A ética pode chegar ao nível das questões práticas,

como o tratamento dispensado às minorias étnicas, a igualdade para as mulheres, o uso de animais em pesquisas e para a fabricação de alimentos, a preservação do meio ambiente, o aborto, a eutanásia e a obrigação que têm os ricos de ajudar os pobres (SINGER, 2006, p.9).

Já na visão de Vazquez (1998), a ética constitui “a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade” ocupando “o setor da realidade humana que chamamos moral” (p. 12).

Contudo, a “natureza qualitativamente nova de muitas de nossas ações descortinou uma dimensão inteiramente nova do significado ético, não prevista nas perspectivas e nos cânones da ética tradicional”, tendo como um pressuposto a responsabilidade humana. (JONAS, 2006, p. 29),

A ética emergente, como fundamento da responsabilidade social e ambiental, tem como missão “tomar os problemas gerados globalmente e os enfrentar à queima roupa – em seu próprio nível” (BAUMAN, 2011, p. 35).

A exploração excessiva dos recursos naturais é consequência direta da ação humana que, em sua “irrupção violenta e violentadora na ordem cósmica” e na “invasão atrevida dos diferentes domínios da natureza por meio de sua incansável esperteza”, demonstra que “a violação da natureza e a civilização do homem andam de mãos dadas” (JONAS, 2006, p. 32).

A oportunidade de encontrar o atalho para um mundo mais bem ajustado, no entanto, foi perdida. Em vez disso, pode-se dizer que, entre este mundo, aqui e agora, e um outro mundo, hospitaleiro à humanidade e ‘amigável’, não restou nenhuma ponte visível, seja ela genuína ou suposta (BAUMAN, 2011, p. 33). Tal análise é corroborada por Horkheimer (2002) quando

afirma: “a história dos esforços humanos para subjugar a natureza é também a história da subjugação do homem pelo homem” (p. 109).

**É nesse contexto de perplexidade que a nova ética se apresenta:** como movimento transformador que transcende ao modernismo progressista, ainda que o reconheça, e se empenha para favorecer um “*habitat* planetário sustentável para seres vivos interdependentes, além e contra o apelo disfuncional do mercado competitivo global” (O’SULLIVAN, 2004, p. 26).

A ética assume, por conseguinte, um novo sentido radical: não só como responsabilidade individual, mas também coletiva, levando em conta as consequências das intervenções humanas no mundo, muitas vezes inconscientes, mas sempre produtoras de consequências, construtivas ou destrutivas.

A ética da responsabilidade reconhece a dimensão vital da relação entre todas as pessoas e destas com o Planeta; representa a origem primordial dos valores; constitui o encontro do conhecimento e da consciência; estabelece-se como a condição fundamental da liberdade e da solidariedade universais; e propicia a intervenção humana no mundo. Isso implica a adoção de uma dupla concepção contemporânea de ética: como óptica “dos valores irrenunciáveis” e como “negociação dos consensos com vistas a normas jurídicas e a criação de instituições, que terão efeitos autorreguladores na dinâmica social das sociedades complexas” (ASSMANN, 1996, p. 230).

O novo paradigma, portanto, não resulta apenas de reforma ou mudança, mas da transformação completa de essência, forma, natureza e estrutura da civilização contemporânea de tal modo veloz, profunda e abrangente que significa de fato verdadeira metamorfose antropológica.

Alain Touraine (2007) categoriza esse processo como o conjunto das “transformações profundas das sociedades contemporâneas” (p. 17). Tal condição anuncia a progressiva substituição do paradigma social por outro mediante inexorável processo de ‘dessocialização’ [também ‘decomposição’, ou ‘declínio’] (idem, p. 23). A reconhecida ‘dessocialização’ é acompanhada pela generalização “de uma violência de mil formas e faces, que rejeita todas as normas e os valores sociais” (idem, p. 240).

Na visão do sociólogo francês, no esforço de se criar instituições e regras que sustentarão a liberdade e a criatividade das pessoas, coloca-se em risco a sociedade. Por tal razão, considera-se também que

a possibilidade de sobreviver dignamente neste planeta depende da aquisição de uma nova mentalidade [que] precisa, entre outras coisas, ser talhada em uma epistemologia radicalmente diferente que irá orientar as atitudes relevantes. Assim sendo, acima de toda a sua intrínseca beleza, os meandros epistemológicos [...] parecem imprescindíveis (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2003, p. 46).

A ética assume aqui um sentido mais radical: não só como responsabilidade pelo outro, mas também em relação às consequências das nossas ações — muitas vezes inconscientes e não intencionais, mas sempre produtoras de consequências, construtivas ou destrutivas — na escola, onde seus atores agem e são principalmente mistério.

A ética, então, não será apenas sistêmica ou ontológica, mas também e principalmente interpessoal, porque reconhece a dimensão sagrada da relação de cada pessoa com a outra, o que pode representar uma interrogação, um desafio ou uma ameaça, mas também uma resposta, um perdão, uma presença ou uma promessa.

A ética representa a origem primordial dos valores; constitui o encontro do conhecimento e da consciência; representa a condição fundamental da liberdade e da solidariedade universais, como utopia e mistério; e propicia a atividade teleológica de intervenção humana no mundo.

Não fosse desse modo, o sentido ético de toda ação acabaria se diluindo na bruma da não intencionalidade, da determinação inevitável e do não protagonismo humano. Isso implica a necessidade de se estabelecerem critérios e princípios que inspiram e julgam a ação humana. Mesmo porque a ética, como corresponsabilidade solidária e com validade intersubjetiva, é a urgente condição de se resolverem os problemas que podem mesmo levar a espécie humana à extinção (DUSSEL, 2000, p. 572-574).

Tal possibilidade é real, na medida em que corremos o risco de banir o resto da vida ao renunciar a própria ética, que se fundamenta em uma posição em favor da vida e da pessoa contra o formalismo e o universalismo abstrato; contra o racionalismo absoluto, reconhecendo a natureza às vezes irracional das atitudes humanas; e contra uma perspectiva de inspiração analítica que se disfarça de análise da linguagem moral (VÁZQUEZ, 1998, p. 245).

Uma ética, enfim, que sirva de referência para o juízo crítico das ações das pessoas em sociedade e como capacidade de julgar da vida do espírito, ao tomar como princípio os valores humanos. E é ela que será capaz de condicionar e parcializar uma listagem moral que, tomando como princípio, hábitos e costumes, limita-se a determinar o que é proibido ou permitido, certo ou errado, lícito ou ilícito, meramente prescrevendo obrigações e condenações. Principalmente a ética, como essa capacidade de julgamento, propiciará o diálogo de cada pessoa com a sua própria consciência e com as consciências das outras pessoas, despertando-as de uma eventual indiferença em relação à agressão à vida e à dignidade do próximo.

Embora as pessoas aparentemente tenham preservado e mobilizem sua capacidade de desencadear processos de intervenção transformadora, ela acabou se tornando uma prerrogativa dos cientistas que, sem “a textura das relações humanas”, ampliaram a esfera dos negócios

humanos a tal ponto que extinguiram “a consagrada linha divisória e protetora entre a natureza e o ser humano” (ARENDR, 2001, p. 337).

Como consequência, a cosmovisão exclusivamente antropocêntrica, em sua natureza analítica, cientificista e instrumentalmente racional da realidade universal, separou a Noosfera – a dimensão humana e social – da Biosfera – a camada viva não reflexiva que alimenta e sustenta a Noosfera – que por sua vez depende de sua preservação, numa simbiose cheia de energia, mas complexa e delicada (CHARDIN, 2003, p. 210).

Para tanto, é preciso que todos sejamos capazes de, mesmo fazendo prevalecer nosso livre-arbítrio,

agir de maneira aberta, não condicionada pelo apego e volições egoístas. Essa abertura e essa sensibilidade incluem não apenas a esfera imediata das percepções da própria pessoa: possibilitam-na também a estimar os outros e a desenvolver uma percepção compassiva das aflições alheias (VARELA, J.F *et al.*, 2003, p 132).

Os princípios determinantes do livre arbítrio, segundo Kant (2002), devem ser representados com os verdadeiros móveis da ação, mesmo porque, de outro modo, poderia até ser observada a legalidade de nossos atos, mas não uma moralidade, vigiada pela ética, de nossas intenções. E tudo, então, seria pura hipocrisia, e até as normas e as leis acabariam por ser odiadas e mesmo desacatadas, se a obediência decorresse apenas por considerações de proveito próprio. Nesse caso, a letra da lei, como legalidade, até apareceria em nossa ação, mas seu espírito, como ética, não se manifestaria em nossas intenções (p. 275-280).

A vontade e o livre-arbítrio, assim como o sentimento de responsabilidade, pondera Isaiah Berlin (2002), poderiam ser apenas uma ilusão, na medida em que não seríamos de fato livres, inexoravelmente submetidos ao determinismo histórico e incapazes de viver sem pensar que somos de fato livres em nossa vontade. Nesse sentido, a vontade e o livre-arbítrio não passariam de uma espécie de liberdade ilusória.

Como negar, entretanto, a nossa livre vontade diante da impossibilidade de se determinar o futuro sem se comparar o que acontece com o que aconteceria se não tivesse ocorrido o que de fato aconteceu? Como resolver tal paradoxo? Afinal, o futuro é imprevisível, mas se constrói com as histórias pessoais que constituem a história do mundo que se projeta no futuro.

O livre-arbítrio pode até nascer de impulsos e desejos, mas só sustenta projetos de vida se envolver “a previsão de consequências que decorrem da ação por impulso”, o que exige pensar nelas como resultados “de nossa ação, em face e à luz dos sinais do que vemos, ouvimos ou tocamos”, isto é, de sua significação (DEWEY, 1979, p. 66).

Outra condição da ética da responsabilidade é a ação educativa assumir como princípio que toda pessoa é essencialmente livre e solidária e capaz de um protagonismo responsável, princípio humanizante que muitas vezes parece improvável por depender do interesse de quem, consciente ou inconscientemente, dele se serve desumanamente.

Como a convivência humana se baseia na necessidade histórica de estabelecer contratos de longo prazo que evoluem em leis, regimentos, normas e preceitos morais, a ética passa a ser esse princípio catalisador que garante a vida. Ela passa a se constituir no fundamento das normas de respeito de todos por todos e da responsabilidade solidária de cada um pelo outro e pelo mundo, repudiando um pensamento solipsista<sup>4</sup>, ainda hegemônico, que subordina a ética a atos reguladores de progresso material e de consumo doentio.

A nova mentalidade implica necessariamente a ampliação e o aprofundamento do conhecimento a respeito dos graves problemas provocados pelas intervenções humanas no meio ambiente e na própria sociedade para buscar superá-los. Assim, à medida que o conhecimento se diversifica e a ele se atribui mais valor, mais os processos de sua produção e aprendizagem se tornam imprescindíveis para as pessoas.

## CONCLUSÃO

As condições minimamente necessárias para o exercício crítico da educação escolar devem propiciar a incorporação, o desenvolvimento e a construção de conhecimentos significativos, assegurando a aquisição de conhecimentos que evitem transformá-la em um centro de treinamento com uma rotina mecânica e burocrática, baseada na transmissão e na reprodução de informações desconexas.

Não obstante, conquanto se reconheça que poucos instrumentos são tão poderosos e eficazes em termos de progresso científico e tecnológico do que o conhecimento, preocupa a constatação de que o mesmo conhecimento que garante tal progresso afinal se transformou em refém do mercado e da exploração em um ímpeto de tal modo obsessivo que transformou os seres humanos nos predadores mais vorazes da natureza.

Implica, pois, que seja superado o relativismo moral e a privatização de valores ofertados ao deus-mercado, para que se lute pelos *Direitos da Terra*, nosso lar, e contra toda forma de desumanização, exclusão, preconceito e degradação, e se cultive o sentido da contemplação e da sensibilidade.

Para tanto, precisamos urgentemente atingir – nós, humanos – um consenso sobre a nossa responsabilidade pela vida e pelo planeta. A atual expansão do conhecimento, integrada às



investigações das dimensões mais profundas do pensamento humano, torna esse empreendimento viável, destacando aqui o protagonismo de professores e professoras nas escolas. Isso “pressupõe um compromisso com a bondade do mundo, uma bondade que pode ser infinitamente multifacetada e plural, mas que reconhecemos como sendo muito maior e mais poderosa que nós mesmos” (SOLOMON; HIGGINS, 2003, p. 100).

É imperativo, pois, promover uma reflexão crítica sobre a educação para que esta não se reduza a uma instrumentalização exclusivamente analítica ou categorizadora, tampouco a uma visão de mundo em que sua constituição sistêmica e complexa seja eliminada na tentativa de entendê-lo.

Por fim, vale destacar a referência que Zygmund Bauman (2011) faz a Václav Havel, escritor, intelectual e dramaturgo checo, último presidente da Checoslováquia e primeiro presidente da República Checa, que “quase sozinho conseguiu derrubar um dos mais sinistros baluartes dos campos comunistas soviéticos”. Segundo Bauman, Havel dispunha de três armas apenas:

esperança, coragem e obstinação. São armamentos primitivos, sem nada de altamente tecnológico. E são as mais mundanas e comuns dentre as armas: todos os homens as possuem e as têm pelo menos desde a Era Paleolítica. Apenas, nós as usamos muito raramente (p.36).

Armados assim desse poderoso arsenal, a escola pode lutar pelo consumo sustentável que representa um salto qualitativo catalisador de características que articulam temas como justiça e defesa do meio ambiente e da cidadania, destacando as práticas coletivas como norteadoras de um processo que, embora considere cada consumidor em sua individualidade, prioriza as ações na sua dimensão política pública.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2001.

ASSMANN, Hugo. **Metáforas Novas para Reencantar a Educação** – Epistemologia e didática. Piracicaba: Editora Unimep, 1996, p. 230.

BARBER, Benjamin R. **Consumido**: como o mercado corrompe crianças, infantiliza e engole cidadãos,

BAUMAN, Zygmunt. **A Ética é Possível num Mundo de Consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011. São Paulo: Record, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade Individualizada** – Vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BERLIN, Isaiah. **Estudos sobre a Humanidade**. Trad. Alda Szlak. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

COMPARATO, Fábio Konder. **Ética** – Direito, moral e religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Atualidades pedagógicas. Volume 131. Trad. Anísio Teixeira. 3.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.
- DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação**. Na idade da globalização e da exclusão. Trad. Ephraim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen et Lúcia M.E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002.
- JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade** – Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2006.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. [1788]. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- O’SULLIVAN, Edmund. **Aprendizagem Transformadora** - Uma visão educacional para o século XXI. São Paulo: Cortez Editora; Instituto Paulo Freire, 2004.
- SINGER, Peter. **Ética Prática**. São Paulo, Martins Fontes, 2006.
- SOLOMON, R. e HIGGINS, Kathleen M. **Paixão pelo Saber** - Uma breve história da Filosofia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- TOURAINÉ, Alain. **Um Novo Paradigma**. Para compreender o mundo de hoje. Trad. Gentil Avelino Tilton. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **A mente incorporada**: ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética**. 18ed. Trad. João Dell’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

## Links

- <http://www.akatu.org.br/Organizaçãonãogovernamentalcriadaparaeducar> e mobilizar a sociedade para o consumo consciente.
- <http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/ConsumismoInfantil.aspx>Instituto Alana
- <http://www.un.org/apps/news/story.asp?newsID=20772&CR1=warning> Food and Agricultural Organization (FAO) of the United Nations Organization (ONU)
- <http://envolverde.com.br/Jornalismo> e Sustentabilidade
- <http://www.ecodesenvolvimento.org.br/Ecodesenvolvimento> — Informação para um Mundo Sustentável
- [http://pensandoemeducaoambiental.blogspot.com.br/2009/05/dados-sobre-o-consumo-no-mundo\\_11.html](http://pensandoemeducaoambiental.blogspot.com.br/2009/05/dados-sobre-o-consumo-no-mundo_11.html) Pensando em EducaçãoAmbiental
- <http://www.ecodebate.com.br/2009/04/13/pesquisador-alerta-para-os-riscos-do-consumo-mundial/> EcoDebate — Cidadania e Meio Ambiente
- <http://www.ibflorestas.org.br/ultimas-noticias/440>Instituto Brasileiro de Florestas

- <http://www.globalissues.org/issue/235/consumption-and-consumerism> Global Issues - Social, Political, Economic, and Environmental Issues That Affect Us All
- <http://999itstime.org/links/Consumerism-Links> 999 It's Time — If not us then who? If not now then when?
- <http://recicloteca.org.br/blog/index.php/2010/03/15/consumo-e-meio-ambiente/EcoMarapendi> -Recicloteca - Estudos - Educação Ambiental

## Vídeos

- <http://youtu.be/Kobbmdo0IEc> Vídeos O Consumo e o Meio Ambiente
- <http://youtu.be/tOzIFynYxj0> Filme Educativosobre meio Ambiente
- <http://youtu.be/O7SZGbkcnLI> Consumo e Meio Ambiente
- <http://youtu.be/ifL5YOg3t-Q> Consumismo Infantil
- <http://youtu.be/joLiu7ugr7M> Publicidade Infantil X Consumismo
- <http://youtu.be/N5WCndQZ7A8> Desenvolvimento Sustentável X Consumismo
- <http://youtu.be/L5eox7YpMAY> Entrevista com Livia Borges — Compulsão por comprar
- <http://youtu.be/aStJB1kTa04> Os riscos do consumo compulsivo
- <http://youtu.be/dhdpWmm2RH0> Sociedade e Consumo
- <http://youtu.be/lyPSIYuCLH4> CONSUMO CONSCIENTE: pequenas atitudes, grandes realizações!

## DEFINIÇÕES E NOTAS EXPLICATIVAS

- 1 Cosmovisão – Maneira subjetiva de ver e entender o mundo, especialmente as relações humanas e os papéis das pessoas na sociedade; visão de mundo.
- 2 O Banco Mundial é uma instituição financeira de âmbito global que propicia empréstimos para países em desenvolvimento para programas de capitalização. O objetivo principal do Banco Mundial é a redução da pobreza.
- 3 (*Rearing cattle produces more greenhouse gases than driving cars, UN report warns.* Food and Agricultural Organization (FAO) of the United Nations Organization (ONU). < <http://www.un.org/apps/news/story.asp?newsID=20772&CR1=warning> > ).
- 4 Solipsista – Relativo ao Solipsismo, doutrina segundo a qual existe apenas o Eu, sendo os outros humanos meros partícipes da única mente pensante.

